



## **GT 12. Antropologia das Relações Humano-Animal**

### **Coordenador(es):**

Andréa Barbosa Osório Sarandy (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Flávio Leonel Abreu da Silveira (UFPA - Universidade Federal do Pará)

### **Sessão 1 - Pragas, peçonhas e animais hostis**

**Debatedor/a:** Ana Paula Perrota Franco (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

### **Sessão 2 - Conservação, tempo e espaço nas relações humano-animais**

**Debatedor/a:** Jean Segata (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

### **Sessão 3 - Predação, proteção e trabalho animal**

**Debatedor/a:** Felipe Ferreira Vander Velden (UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos)

O campo das relações humano-animal, ou Animal Studies, teria emergido na década de 1970 em meio a movimentos de proteção animal que, não obstante, remontam ao século XIX. Na verdade, os animais participam das análises antropológicas há muito tempo. Algumas análises identificaram dois paradigmas correntes: um que pode ser chamado de materialista, em busca do animal “real”; e outro semiótico, pós-estruturalista ou simbólico, em busca de representações. Mais recentemente, a emergência de reflexões sobre o perspectivismo ameríndio realçou a centralidade dos animais em aspectos da vida religiosa e cosmológica de populações ameríndias, com um forte impacto nas conhecidas relações entre natureza e cultura. O presente Grupo de Trabalho pretende ser um espaço para reflexões teóricas e pesquisas empíricas acerca das relações entre animais humanos e não humanos, a partir de um viés antropológico. Serão aceitos trabalhos tanto sobre as percepções simbólicas quanto sobre relações concretas materiais entre ambos. Entre eles, destacam-se produções voltadas aos animais de estimação, de abate, de tração, animais da fauna silvestre brasileira ou estrangeira, caça, criações, rinhas, concursos, turismo, animais de laboratório; em meio urbano, rural ou entre populações ameríndias e mesmo fora do continente americano; relações cotidianas, científicas, religiosas, alimentares, ideológicas, morais, artísticas, legislação, políticas públicas, saúde, entre outras possibilidades.

### **Pensando alto: algumas reflexões teórico-metodológicas sobre a pesquisa das relações Humano-Animal**

**Autoria:** Martha Celia Ramirez Galvez (UEL - Universidade Estadual de Londrina)

Na teoria antropológica contemporânea há uma densa discussão em relação ao antropocentrismo, apontando, dentre outros, o descentramento do humano assinalando para a análise das relações. Dado que teoria e método estão inextricavelmente vinculadas na antropologia, se temos um descolamento da perspectiva que privilegia o humano para o humano e suas relações, torna-se necessário refletir sobre as maneiras de dar conta de tais relações nas descrições etnográficas, considerando o foco da observação etnográfica e os modos de abordagem alinhados à proposta de desantropologizar a antropologia. Mais especificamente, estudar a interação com outras espécies e compreender os efeitos de nossos entrelaçamentos com outros seres vivos traz desafios para a prática antropológica. Dentre eles, transcender os marcos analíticos para além de como os humanos representam os animais. Como afirma Ingold, o conhecimento antropológico deve procurar variabilidade de abordagens possíveis para “flagrar o mundo em ação”, perseguindo etnograficamente as interações que humano-animais podem desenvolver juntos. Dentre os desafios teórico-metodológicos também se coloca a necessidade de problematizar os



silenciamentos do modelo representativo e os essencialismos ontológicos para atingir uma densidade etnográfica que dê conta das presenças no encontro entre-especies ou que aborde o que Haraway chama de ?coletivização da agências?. Em outras palavras, cabe considerarmos qual é a unidade de análise neste campo e as consequências metodológicas ao analisar a relação e não um ou outro componente da mesma. Além do problema da agência, ou dos actantes na relação humano-animal, cabe refletir, pelo menos, sobre dois conceitos fundantes da antropologia: alteridade e troca. Qual a relação de alteridade nos estudos que abordam a relação humano-animal? Como colocar em diálogo relações entre diferentes espécies abandonando ?identidades?, agências e lugares pre-estabelecidos? Que tipo de alteridade radical ou significativa podemos pensar? Como considerar os efeitos de ?falar? de outros não humanos a partir de humanos? Ao abordarmos relações híbridas de co-constituição inter-especies e considerarmos o contínuo vital e participativo das mesmas, precisaríamos reconsiderar ou, melhor, alargar a noção de troca para pensar diversas relações ?no mundo?? Neste work proponho refletir sobre tais questões a partir de conceitos desenvolvidos, principalmente, por Donna Haraway, Tim Ingold, Marilyn Strathern, Dominique Lestel, Eduardo Khon e Stelio Marras.



## Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

### Realização:



### Apoio:



### Organização: